

UMA EXPERIÊNCIA COM O TRABALHO DE “EDUCAÇÃO PARA O PENSAR” NA REDE PÚBLICA DE EDUCAÇÃO

Rita de Cassia de Campos Andery¹
Sônia Aparecida Siquelli²

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão acerca do trabalho do professor partindo de sua formação inicial de graduação e a aplicação de questionário, com questões abertas aos professores do município de Piranguinho, situado na região Sul do Estado de Minas Gerais em relação ao trabalho desenvolvido na rede municipal com o programa de “Educação para o Pensar” - Filosofia para Crianças e Jovens, na educação básica.

Palavras-chave: Educação para o Pensar. Filosofia. Formação. Reflexão. Professor.

Resumen

Este artículo propone una reflexión acerca del trabajo del profesor partiendo de su formación inicial de graduación y la aplicación de cuestionario, con cuestiones abiertas a los profesores del municipio de Piranguinho, ubicado en la región Sur del Estado de Minas Gerais en relación al trabajo desarrollado en la red municipal con el programa de “Educación para el Pensar” - Filosofía para Niños y Jóvenes, en la educación elemental.

Palabras clave: Educación para el Pensar. Filosofía. Formación. Reflexión. Profesor.

Introdução

Este artigo propõe uma reflexão acerca do trabalho do professor partindo de sua formação inicial de graduação e a aplicação de questionário, com questões

¹ Mestranda em Educação pela Universidade do Vale do Sapucaí-Univás. Professora de História no Ensino Fundamental da Rede Pública de Pouso Alegre/MG. Possui graduação em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade São Francisco (1998). Atualmente é tutora da Universidade do Vale do Sapucaí. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, Filosofia da Educação e Filosofia para Crianças e jovens Educação para o Pensar. Pós graduanda em Filosofia pela Faculdade Católica de Pouso Alegre-Facapa (2014). É membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Ética, Política e História da Educação Brasileira NEPHEB, pela Linha de Pesquisa Fundamentos da Educação, Ética e Política, cadastrado no CNPQ. E-Mail: rita.andery@yahoo.com.br

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos-Ufscar. Professora de História da Educação Brasileira no Programa de Pós Graduação-Mestrado em Educação da Universidade do Vale do Sapucaí-Univás, em Pouso Alegre/MG. Líder do NEPHEB-Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ética, Política e História da Educação Brasileira. E-Mail: soniasiquelli@univas.edu.br

abertas aos professores do município de Piranguinho, situado na região Sul do Estado de Minas Gerais em relação ao trabalho desenvolvido na rede municipal com o programa de “Educação para o Pensar³” - Filosofia para Crianças e Jovens, na educação básica.

Objetivou-se conhecer, através da análise das questões abertas, se o professor na prática com o trabalho de “Educação para o Pensar” traz consigo conhecimentos adquiridos em sua formação na graduação. Para fundamentar toda investigação realizada e analisada, o questionário foi aplicado a 48 professores da rede Municipal que atualmente trabalham com o Programa de “Educação para o Pensar”, metodologia norte-americana cunhada por Matthew Lipman, um pensador e filósofo do século XX, que estruturou uma forma concreta de emprego de uma educação para o pensar/filosofia para crianças e jovens. Paralelamente a esta investigação empírica, foi realizado um levantamento nos conceitos filosóficos em estudos bibliográficos em obras do autor Matthew Lipman (1995,1997,1998,1999), Marie-France Daniel (2000), John Dewey (1979a,1979b) que embasam esta prática desenvolvida, no intuito de compreender a visão metodológica que desencadeia toda ação pedagógica no ensino de Filosofia e da “Educação para o Pensar” como preconizou Lipman (1990). Quanto à metodologia empregada foi de natureza dialética, de cunho qualitativa, observando, que os dados apresentados em porcentagem a partir do questionário, foi de cunho meramente colaborativo para melhor entendimento da realidade analisada. Entendendo que por meio da “Educação para o Pensar” é possível alcançar uma educação transformadora, crítica e democrática e considerando a criança e o adolescente, como ser atuante, pensante e agente transformador, capaz de filosofar. Segundo Lipman (1990) “Educação para o Pensar”, caracteriza-se pelo ato de filosofar, de espantar-se, admirar-se, questionar, refletir, analisar as

³ Este termo, cunhado por Matthew Lipman (1990,1995), filósofo norte americano do século XX, nos mostra que a “Educação para o Pensar” almeja a formação da autonomia do pensar nos alunos e acredita que o trabalho com a filosofia é um caminho para despertar a consciência e a prática do mesmo. O trabalho da “Educação Para o Pensar” caracteriza-se pelo estímulo à reflexão, desvinculando-se do ensino-aprendizagem como emprego meramente conteudista da educação.

coisas e a própria existência, num processo racional, não de fazer filosofia ou de ser filósofo.

Caracteriza-se também pelo pensamento genuíno que amadurece na medida em que somos capazes de perceber as forças que nos atingem e impulsionam a certos comportamentos, que nos é imposto, como nossa apropriação. A hipótese averiguada foi de que as bases teóricas do programa de Lipman demonstram estar assimiladas, porém resta saber até onde a práxis e os saberes adquiridos durante a formação acadêmica facilitaram o entendimento para o trabalho com o programa “Educação para o Pensar” – Filosofia para Crianças e Jovens e se a realidade dentro de sala de aula condiz com estes dados.

Almeja-se por meio da “Educação para o Pensar” e da reflexão filosófica alcançar uma educação transformadora, crítica, democrática, considerando a criança como ser atuante, pensante e agente transformador, capaz de um pensamento de ordem superior⁴. Para Lipman (1995) ter um pensamento multidimensional significa demandar um conjunto de esforços intencionais, buscando incentivar as crianças e jovens a exercer um pensamento reflexivo, rigoroso, crítico, profundo, criativo, cuidadoso, contextualizado e autocorretivo. Esse é um pensamento de excelência, chamado pelo autor de pensamento multidimensional que é conceitualmente rico, coerentemente organizado e persistentemente investigativo.

O pensamento multidimensional reflete um pensar organizado, sistemático, estruturado com fundamentos sólidos que se apliquem na prática, passível de mudança, correções e complementaridade, fruto de relações e interpelações com conhecimentos já criados e preestabelecidos, gerando novos conhecimentos, novas produções dos saberes. Para isso o educando/educador precisam estabelecer uma relação de troca e de observância dos mecanismos processuais que geram os pensamentos. Na educação torna-se emergente pensar na formação dos alunos como seres pensantes envolvendo-os de forma significativa para uma intervenção na prática da realidade, almejando-se por meio da “Educação para o Pensar”

⁴ O termo pensamento de Ordem Superior de Lipman, a partir de 2003, sofreu uma reformulação em sua nomenclatura, para Pensamento Multidimensional, citado em seu livro *Thinking in Education*, sem tradução para o Português.

alcançar uma educação transformadora, crítica e democrática, considerando a criança como ser atuante, pensante e agente transformador, capaz de relacionar-se com a sociedade e com o mundo. Falar da educação reflexiva é considerar uma construção histórica, cultural, de formação de identidade, presente em toda nossa vida, o que faz questionar se esta condição auxilia ou não o aluno a ver o mundo e as pessoas com mais clareza, compreensão, bem como a se situar, agir e socializar-se com ele.

É desafiadora a forma com que se apresenta a tentativa de construir uma educação que atenda às necessidades dos alunos para a vida em sociedade, que reúna conceitos de significação, contextualização, afetividade, proximidade, respeito às diversidades, singularidades, baseadas na ética e autonomia para o pensar em conjunto com professores que estejam preparados para tal situação. Segundo Lipman (1995), para concretizar esta proposta faz-se necessário que o professor também tenha uma formação voltada para a reflexão e o pensar, pois defende que estes respeitem as crianças e os jovens que serão ensinados por eles. Defende ainda que estejam dispostos a examinar suas ideias e comprometer-se com a investigação dialógica.

Para tal discussão, faz-se necessário abordar alguns dos conceitos de Lipman, o que proporciona uma compreensão sobre a “Educação para o Pensar”. Lipman (1999) criou um ideário de educação fundamentado por um Programa de Filosofia para Crianças, com o intuito de levá-las a pensar filosoficamente em sala de aula. Apresentado sob a forma de novelas filosóficas foi elaborado para contemplar temas de reflexão, como comunidade, conhecimento, linguagem e ética, trabalhadas de acordo com a faixa etária das crianças. Assim, ao invés de criar adultos fictícios, Lipman preferiu colocar crianças fictícias como protagonistas de suas novelas filosóficas. Essa opção, conforme acreditava, ajudaria as crianças reais a se identificarem com as personagens que investigavam filosoficamente os temas propostos na narrativa das novelas dentro de uma “Comunidade de Investigação⁵”.

⁵ Termo originado por Charles Sanders Pierce, foi originalmente restrito aos profissionais da investigação científica, todos podendo ser considerados como formando uma comunidade por estarem igualmente dedicados à utilização de procedimentos semelhantes no desenvolvimento de

(...) acredito que é necessário percebermos que a comunidade de investigação não é algo sem objetivos. É um processo que objetiva obter um produto, a partir de algum tipo de determinação ou julgamento, não importando o quanto isso possa parecer parcial ou experimental. Em segundo lugar, o processo possui um processo de direção; movimenta-se para onde o argumento conduz. Em terceiro, o processo não é meramente uma conversação ou discussão; é diálogo. (LIPMAN,1995, p. 331)

Os conceitos cunhados por Lipman, trabalhados neste estudo, partem do período histórico da segunda metade do século vinte, nos anos 60, que através de uma observação sensível ao período vivenciado, onde os jovens se rebelaram contra o sistema estudantil vigente, mas deixaram de construir um aparato lógico, organizado de forma que desse consistência ao movimento, o que denunciava uma deficiência de raciocínio lógico. Esta problemática no entender de Lipman (1999) ocorria em decorrência da forma deficitária que os sistemas escolares empregavam sua aprendizagem aos jovens, coibindo o estímulo do pensamento e reflexão autônomo sobre a sociedade vivida. Lipman (1999) visionava que o desenvolvimento da racionalidade poderia resultar em uma mudança da realidade existente e que mesmo as crianças eram capazes de filosofar.

Observando a ponte entre o ideário de Lipman e Dewey⁶ feita por Marie-France Daniel (2000), na obra “A Filosofia e as Crianças”, podemos compreender, que dentre os filósofos norte-americanos que influenciaram educadores de várias partes do mundo, é possível afirmar que ambos acreditavam no poder da

objetivos idênticos. Desde Pierce, no entanto, este termo teve seu sentido ampliado a fim de incluir qualquer tipo de investigação, científica ou não, defendida por Lipman (1995, p.31-32)

⁶John Dewey nasceu em 1859 em Burlington, uma pequena cidade agrícola do estado norte-americano de Vermont. Na escola, teve uma educação desinteressante e desestimulante, o que foi compensado pela formação que recebeu em casa. Ainda criança, via sua mãe confiar aos filhos pequenas tarefas para despertar o senso de responsabilidade. Foi professor secundário por três anos antes de cursar a Universidade Johns Hopkins, em Baltimore. Estudou artes e filosofia e tornou-se professor da Universidade de Minnesota. Escreveu sobre filosofia e Educação, além de arte, religião, moral, teoria do conhecimento, psicologia e política. Seu interesse por pedagogia nasceu da observação de que a escola de seu tempo continuava, em grande parte, orientada por valores tradicionais, e não havia incorporado as descobertas da psicologia, nem acompanhara os avanços políticos e sociais. Morreu em 1952, aos 93 anos.

inteligência por meio do desenvolvimento do pensar como fonte capaz de transformar, refletir, questionar e argumentar sobre os fatos vivenciados e questões do meio. Também mantinham a mesma opinião sobre unir teoria e prática, como dois pontos de uma mesma reta. Para ambos somente a capacidade de pensar pode ser produto questionador para uma mudança possível da realidade presente.

No que diz respeito ao aluno, tanto para Lipman como para Dewey segundo Daniel (2000), ambos compactuavam da visão de que a educação deve ter como premissa, a valorização da capacidade de pensar dos alunos, com foco na sua elaboração de pensamento para seu crescimento tanto na área física, emocional e intelectual. Esta incidência sobre o pensar não pode corresponder ao emprego da aprendizagem sobre um tema, ou conteúdo específico, mas corresponder às necessidades dos alunos, aos problemas e conflitos vividos por eles, sempre buscando meios para resolvê-los. Portanto, o olhar sobre esse aluno deve englobar sua totalidade e a aprendizagem deve transcender o enfoque temático de uma disciplina.

Outro ponto de cotejamento destes dois pensadores é a crença de que a aprendizagem só ocorre mediante problemas reais, desafiadores, que impulsionem os alunos à reflexão, criar redes de relações, hipóteses e buscar soluções. Assim, experiência e praticidade são pontos efusivos para criar um ambiente de aprendizagem e dinamicidade do pensar. Daniel (2000), afirma que o pensar nessas duas dinâmicas representa a chave para iniciar uma aprendizagem significativa e real, pois ao possibilitar que o aluno raciocine, aplicando sua inteligência, cria-se a condição de construção e desconstrução desse saber, gerando assim novos conhecimentos. Essa é a essência da educação reflexiva e do pensar fundamentada no Programa de Filosofia para Crianças de Lipman e pela filosofia deweyana que defende os procedimentos que façam o aluno raciocinar e elaborar os próprios conceitos para depois confrontar com o conhecimento sistematizado.

Há ainda que se destacar que ao procurar desenvolver uma educação adequada do pensar é necessário arquitetar o espaço e a forma como ela pode ocorrer. Cada vez que se olha e analisa a educação de nossa atualidade, diante do pensamento de alguns dos nossos educadores contemporâneos, observamos que

não há como trabalhar com esse tipo de educação sem poder contar com um ambiente democrático, como se verifica no pensamento de Dewey (1979a) onde a democracia fixa-se como a mola propulsora do desenvolvimento dos indivíduos, utilizada como aglutinadora de trocas de ideias no coletivo.

Segundo Evangelista (2003), Lipman afirmava a necessidade de que para ocorrer uma verdadeira “Educação para o Pensar”, o professor e o aluno deveriam tornar-se investigadores de uma comunidade de investigação filosófica.

O papel do professor de filosofia para crianças não é o de responder as perguntas, mas de facilitar o surgimento das perguntas dos estudantes, tanto quanto sua busca de respostas. O professor de filosofia para crianças deve insistir para que os estudantes considerem as ideias que permeiam as discussões na sala de aula em termo de seus marcos referenciais ou contexto. (LIPMAN, 1990, p.173)

Os objetivos dos autores trazem elementos para formar um educador para uma postura crítica e autônoma diante da vida. Assegura ainda que a prática de filosofia tenha se mostrado uma atividade prazerosa e educativa para ambos, professor e aluno, afirma que juntos desenvolvem as chamadas habilidades de raciocínio, desse modo, podendo assim oferecer novas informações articuladas entre si.

Essas habilidades Lipman (1995) reúne em quatro grupos:

O primeiro grupo, chamado de habilidades de investigação, aborda que, para produzir ou construir conhecimentos precisamos de algumas condições como: saber observar; saber perguntar ou formular questões; saber pensar, imaginar ou supor soluções prováveis para as questões, ou seja, formular hipóteses; saber buscar ou construir verificações para as hipóteses, podendo comprová-las ou não. Uma vez comprovadas elas deixam de ser hipótese e passam a ser conhecimento.

Pode-se questionar se neste momento estariam os educadores provocando seus alunos para que operem com as condições cognitivas, e que isto aconteça ao mesmo tempo em que estejam trabalhando os conteúdos de estudos, conteúdos das disciplinas escolares ou conteúdos de temas que provocam seu interesse. Nesse

processo parece ser importante e necessário que o professor conheça não só o tema, mas também a melhor forma de estimular o bom desempenho das condições de seus alunos.

No segundo grupo, habilidades de raciocínio, entende que o raciocínio faz parte do pensamento lógico, pois o raciocínio é um procedimento do nosso pensamento pelo qual ligamos ideias entre si. A partir de tais ligações, tira-se ou infere-se novas afirmações, a que chamamos de conclusões. Espera-se, que neste grupo, os alunos raciocinem bem, que pensem logicamente. Mas para que ocorra tal fato, Lipman (1999) sugere que é preciso ajudar os alunos a desenvolver condições cognitivas e para que os resultados esperados sejam propícios, é preciso estabelecer relações adequadas entre ideias (relações de igualdade, de diferença, de semelhança, de grau, de gênero, de oposição, de qualidade, entre outras.); tirar conclusões, ou seja, saber inferir (Saber produzir o então adequado. Estabelecida uma relação entre duas afirmações então, aí a conclusão); ser capaz de provar por argumentação, isto é, saber dar boas razões para as conclusões tiradas, inferidas; identificar pressuposições adjacentes, isto é, saber identificar o que está pressuposto ou implícito em afirmações que se lê ou que se ouve.

No terceiro grupo habilidades de formação de conceitos, é importante proporcionar ao aluno ser capaz de explicar (desdobrar, esmiuçar o sentido de uma palavra); ser capaz de definir (dizer o que algo é); ser capaz de sintetizar (juntar as partes separadas de uma noção, reconstruindo o significado).

No quarto grupo habilidades de interpretação ou a tradução. Dentro deste exercício ainda pode-se pedir a um aluno para que leia um pequeno texto e que se consiga dizer, com suas próprias palavras, o que o autor disse com as palavras dele. Assim, pretende-se desenvolver no aluno habilidades de parafrasear (traduzir com suas próprias palavras algo que foi lido ou dito); perceber implicações e suposições (notar o que está implícito, por trás; perceber fazendo uma comparação com o conhecimento pré-adquirido); prestar atenção ao que é dito ou no que está escrito.

Isto posto, dentro desta análise como Lipman (1990) entende a formação de professores e que estes deveriam passar em sua formação pelo mesmo processo

que os alunos, no que diz respeito a vivenciar uma “Comunidade de Investigação” e isso independente de qual formação inicial o professor teria. Lipman (1990), afirma que a formação de professores não tem a primazia por desenvolver métodos que levem seus educadores a comprometer-se com a investigação dialógica, examinar e reexaminar suas ideias e ainda trabalharem o respeito absoluto aos alunos que serão ensinados.

Uma experiência de formação em “educação para o pensar”: Piranguinho/MG

O instrumento escolhido nesta pesquisa para investigar a realidade apontada foi o questionário, pois através de perguntas com questões abertas, os participantes da pesquisa ficaram à vontade para se expressarem. O objetivo foi proporcionar um "insight" no participante, que provocasse em si uma retomada de sua prática pedagógica diária. Segundo Mattar (1994), as principais vantagens das perguntas abertas em um questionário são: estimular a cooperação; permitir avaliar melhor as atitudes para análise das questões estruturadas; são úteis como primeira questão de um determinado tema porque deixam o participante mais à vontade para a entrevista a ser feita; cobrir pontos além das questões fechadas; têm menor poder de influência nos participantes do que as perguntas com alternativas previamente estabelecidas; proporcionar comentários, explicações e esclarecimentos significativos para se interpretar e analisar as perguntas; evitar o perigo existente no caso das questões fechadas, do pesquisador deixar de relacionar alguma alternativa significativa no rol de opções.

Portanto, o questionário foi organizado em três partes, assim compreendidas: I- Perfil Docente; II - Concepção Filosófica; III - Ensino de Filosofia. Com a finalidade de coletar dados específicos sobre a formação, o entendimento e o envolvimento dos participantes no programa de Filosofia com crianças, adolescentes e jovens e esta pesquisa traz os dados referentes a parte I e II do questionário. A aplicação do questionário foi realizada no dia 17 de maio de 2014 no período da manhã, após o término de uma palestra no horário tido como Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo-HTPC, foi realizada apresentação da pesquisadora e dos objetivos da pesquisa aos professores.

A segunda parte do questionário, respondido pelos (48) quarenta e oito professores de Piranguinho/MG, foi composta por (3) três questões abertas e (1) uma de múltipla escolha, com o objetivo de extrair, compreender e construir a significação do trabalho desenvolvido na Rede Municipal com “Educação para o Pensar” / Filosofia com Crianças.

Foram organizadas, a partir do registro das questões e suas respostas, e agrupadas, de forma que permitiram o levantamento de categorias de análises que possibilitaram complementar a compreensão do que se constituiu o ensino de Filosofia e de “Educação para o Pensar”. Com os dados das questões abertas, através de categorização, foi possível, assim, conhecer os percentuais obtidos por categorias, como forma de indicativos de importância e não de se prestar a uma sequência de classificação, mas, sim, ajudar a evidenciar ênfases em compreensão e significação para cada um dos professores. Verificou-se a existência repetitiva de pontos convergentes nas respostas entre os participantes da pesquisa.

Para categorizar e analisar as questões do questionário da Parte II procedeu-se à leitura de todas as respostas dadas pelos professores e a seleção daqueles aspectos que mais evidenciou nos depoimentos escritos, quer pela recorrência, quer pela relevância ante a questão. Essa seleção deu origem à listagem de ocorrências que em seguida foram categorizadas:

Questão nº 1- O que você entende por Filosofia?

- a) 26/48 (54,16%) responderam que no seu entendimento filosofia está relacionada com pensar e pensamento;
- b) 22/48 (45,83%) responderam que filosofia está relacionada a reflexão;
- c) 10/48 (20,83%) responderam que filosofia está relacionada ao diálogo;
- d) 9/48 (18,75%) responderam que filosofia está relacionada a ciência;
- e) 8/48 (16,66%) responderam que filosofia está relacionada a questionamento;
- f) 7/48 (14,58%) responderam que filosofia está relacionada a debate;
- g) 6/48 (12,50%) responderam que filosofia está relacionada a arte;
- h) 5/48 (10,41%) responderam que filosofia está relacionada a investigação;
- i) 5/48 (10,41%) responderam que filosofia está relacionada a disciplina como conteúdo;

- j) 4/48 (8,33%) responderam que filosofia está relacionada a educação para o pensar;
- k) 2/48 (4,16%) responderam que filosofia está relacionada a conhecimento;
- l) 1/48 (2,08%) respondeu que filosofia está relacionada a área do conhecimento.

Os professores apontaram conceitos como: *pensar e pensamento, reflexão, diálogo, questionamento, debate, investigação e educação para o pensar*, relacionados ao entendimento do que era filosofia. Notou-se que essa porcentagem possui uma visão que pode apontar para a necessidade do que é o “Pensar Bem” de Lipman (1990) e como isso se traduz em filosofia com crianças, partindo do que eles entendem por filosofia.

O que importa, segundo o pensamento Lipmaniano (1990), é pensar exatamente na filosofia como condição de reflexão e ação, o que coincide com o trabalho desta pesquisa, que se propõe a construção de uma educação que abrigue a lógica do pensar, ou seja, a “Educação para o Pensar”. Ler, ouvir, falar, raciocinar, escrever, são exercícios de aprendizagem em sala de aula, ou seja, exercícios acadêmicos. Nessa concepção de pensamento é que a filosofia entra na didática pedagógica do educar, não considerada apenas como uma disciplina a mais na grade curricular, mas a integração do ensino e da aprendizagem de todas as outras disciplinas, tornando-se um elo tão necessário para os alunos dentro da escola e fora dela, ou seja, no mundo.

Diante da prerrogativa acima é que Lipman (1990), apresenta a preocupação de formar alunos no conceito de uma “Educação para o Pensar”, a qual não possui a pretensão e nem o objetivo de formar filósofos, mas trabalhar com o seu principal elemento: o cultivo do pensamento. Pensar sobre a ação, o ser, estar e vir a ser, focando o ser histórico (homem) e sua relação com o mundo vivido.

Segundo os participantes da pesquisa, mostram como os aspectos de entendimento e significação do trabalho desenvolvido na rede é posto no seu dia a dia:

(P1) É a disciplina que leva os educandos a questionarem, buscarem seus conhecimentos através de uma investigação constante.

(P2) Filosofia é a disciplina que oportuniza o ser humano refletir, dialogar e estabelecer relações entre certo e errado.

(P8) Filosofia é a ciência que busca um ato reflexivo nas pessoas, assim permite o pensar, o discutir e o diálogo entre os mesmos.

(P10) É a disciplina que traz a reflexão formativa para a sala de aula. Ajuda o aluno a questionar os acontecimentos, a problematizar as dúvidas. A busca pela resposta leva-o a sua formação.

(P22) Filosofia hoje é vista de forma diferente. Hoje se vê filosofia, com a postura reflexiva, investigativa, dialógica, de forma onde os indivíduos crescem cada vez mais.

(P25) Entendo que a filosofia é uma área do conhecimento que permite trabalhar todas as demais e faz com que o educando pense melhor e elabore melhor seu pensamento, ou seja, com qualidade. Ela dá sentido ao que se aprende.

(P39) Entendo que filosofia tem como objetivo principal o pensar bem, pensar com criatividade, coerência e cuidado, pensar bem para agir bem.

(P45) É disciplina que desenvolve nos alunos a habilidade de pensar, discutir, refletir e principalmente aprender a ouvir e respeitar a opinião do outro.

(P46) Filosofia é uma área abrangente que visa buscar no aluno o seu conhecimento e atitudes para torna-lo cada vez mais participante da vivência na sociedade, proporcionando o pensar, o agir e o viver.

Questão nº 02 – Em sua opinião, é importante o ensino de filosofia do 1º ao 9º ano do ensino fundamental? Se sim, porquê? Se não, justifique.

Foi percebida nas colocações dos participantes da pesquisa uma seleção de dados, organizados nesta listagem:

- a) 29/48 (60,41%) responderam que em sua opinião que a importância do ensino de filosofia do 1º ao 9º ano está na aprendizagem ligada ao desenvolvimento do pensamento crítico, reflexivo e autônomo;
- b) 6/48 (12,50%) responderam que em sua opinião a importância do ensino de filosofia do 1º ao 9º ano está na aprendizagem ligada a formação integral para atuação na sociedade;

- c) 5/48 (10,41%) responderam que em sua opinião a importância do ensino de filosofia do 1º ao 9º ano está na aprendizagem ligada “Educação para o Pensar” e o desenvolvimento de suas habilidades;
- d) 4/48 (8,34%) responderam que em sua opinião a importância do ensino de filosofia do 1º ao 9º ano está na aprendizagem ligada a “Educação para o Pensar”;
- e) 1/48 (2,08%) respondeu que em sua opinião a importância do ensino de filosofia do 1º ao 9º ano está na aprendizagem ligada a investigação;
- f) 3/8 (6/25%) não respondeu ou não explicou ou colocou uma resposta sem sentido.

Diante destes dados, escolheu-se analisar as categorias relativas a essa questão que apareceram em maior porcentagem e as categorias que nos mostraram um grau de importância diante da questão que nos instigou. Os professores apontaram que a importância da filosofia do 1º ao 9º ano do ensino fundamental está embasada em sua maioria das respostas em um processo de aprendizagem ligado ao desenvolvimento do pensamento crítico, reflexivo e autônomo; à formação integral para atuação na sociedade; à “Educação para o Pensar” e ao desenvolvimento de suas habilidades; e a investigação.

Dewey (1979a) chama a atenção para uma importante referência do que é filosofia, afirmou: “(...) as escolas prestam-se mais para formar discípulos que pesquisadores”. (DEWEY, 1979a, p. 372). Desta forma as colocações dos participantes da pesquisa foram ao encontro à afirmação de Lipman (1990) que fazer Filosofia é realizar um grande esforço investigativo, reflexivo e dialógico e, propor filosofia na educação escolar, é propor que não se sonegue das crianças e dos jovens a oportunidade de eles serem iniciados na prática da boa investigação. Em sua proposta a necessidade de investigação deve se dar sobre os conteúdos importantes da Filosofia.

(...) a filosofia contém, além de muitas outras coisas, um núcleo de conceitos. Estes conceitos são incorporados e ilustrados em todas as áreas humanas, mas é na filosofia que são analisados, discutidos, interpretados e esclarecidos. Muitos destes conceitos representam valores humanos profundamente importantes, como a verdade, o significado e a comunidade. (...). (LIPMAN, 1995, p.240-241).

Sem a Filosofia, há uma tendência para que os comportamentos que estes conceitos representam permaneçam inarticulados e sem expressão. A Filosofia na educação infantil e no ensino fundamental fornece um espaço que possibilita às

crianças refletirem sobre seus valores, assim como sobre suas ações. Graças a estas reflexões, as crianças podem começar a perceber maneiras de rejeitar aqueles valores que não estão à altura dos seus padrões e de guardarem aqueles que estão. A filosofia oferece um espaço no qual os valores podem ser submetidos à crítica. Esta é, talvez, a principal razão para sua exclusão, até agora, da sala de aula na educação infantil e no ensino fundamental, e uma razão fundamental para que seja, agora, finalmente incluída.

As respostas abaixo representam uma amostragem da opinião dos participantes da pesquisa sobre o entendimento do porquê é importante o ensino de filosofia do 1º ao 9º ano do ensino fundamental, ressaltando que as 48 respostas foram afirmativas, e mostraram a seriedade do trabalho desenvolvido na rede.

(P1) Sim, com este trabalho os educandos através de uma investigação constante vão aprender a aprender.

(P2) Sim, muito importante, porque a disciplina filosofia abre caminho para a reflexão e uma melhor compreensão dos temas trabalhados.

(P9) Sim. Hoje trabalho com alunos de todas as idades de 4 a 12 anos e como temos este trabalho na rede nos deparamos com alunos críticos que fazem com que a gente cresce cada vez mais.

(P10) Sim. Contribui para a formação integral do aluno. Forma sujeitos críticos e reflexivos, cidadãos capazes de atuar na sociedade.

(P12) É importantíssimo, pois auxilia na organização do pensamento, na clareza das ideias, na reflexão, na formação de conceitos e valores.

(P22) Sim, mas não só do 1º ao 9º ano, quanto na educação infantil também (aqui temos). Porque assim teremos cidadãos críticos, criativos e cuidadosos.

(P24) Sim, a filosofia proporciona os alunos a refletirem e conseqüentemente a desenvolverem as habilidades do pensar.

(P27) Sim. Leva os alunos a questionarem os acontecimentos de sua vida, a se tornarem verdadeiros cidadãos críticos, reflexivos e atuantes na sociedade em que se encontram.

(P36) Sim. Porque oportunizará o aluno a refletir, discutir e dialogar os conteúdos trabalhados, sobre seus atos e ações.

(P38) Sim. Para desenvolver no aluno o “bem pensar”, ou seja, o pensamento de ordem superior.

(P39) Sim. Eu penso que o ensino de filosofia é imprescindível, não só no ensino fundamental, mas também na educação infantil.

(P45) Sim. Pois desenvolve no aluno habilidades que o tornarão um adulto mais reflexivo e crítico.

(P46) Sim. É fundamental, porque através dela e da comunidade de investigação o educando vê melhor o seu papel na vida e na sociedade.

Questão N° 03 – O ensino de filosofia para você é:

Por ser uma pergunta de múltipla escolha, procedeu-se à leitura de todas as respostas dadas pelos professores e agrupou-se por alternativa escolhida.

- a) Um ato reflexivo 1/48 (2,08%),
- b) Uma discussão 0/48,
- c) Uma transmissão de conteúdo 0/48,
- d) Uma reflexão, discussão e um diálogo 47/48 (97,92%)

Diante das alternativas escolhidas decidiu-se analisar a categoria relativa a essa questão que apareceu em maior porcentagem. Pudemos ver que em sua maioria (97,92%) os professores têm para si que o ensino de filosofia é uma reflexão, uma discussão e um diálogo. Segundo Splitter e Sharp (1999), o trabalho da “Educação para o Pensar” caracteriza-se pelo estímulo à reflexão, desvinculando-se do ensino-aprendizagem como emprego meramente conteudista da educação. Nesse sentido os alunos são considerados como sujeitos em constante aprendizagem, considerando sua singularidade dentro do coletivo. “Educar para o Pensar” é estimular o diálogo, argumentação, questionamentos, a construção e desconstrução do saber.

Questão n° 04 – você adota uma linha filosófica em sua prática pedagógica independentemente da concepção trabalhada pela instituição escolar? Ou você se adapta ao trabalho proposto pela escola? Explique sua afirmação

Segundo a análise e a partir dos dados que demonstraram aspectos que mais se evidenciavam nos depoimentos escritos, quer pela recorrência, quer pela relevância ante a questão, este levantamento permitiu perceber:

- a) 17/48 (35,42%) responderam que adotam os princípios da comunidade de investigação;
- b) 14/48 (29,17%) responderam que adotam os princípios da comunidade de investigação, porém respeitando a limitação da idade;

- c) 9/48 (18,75%) responderam que praticam a comunidade de investigação;
- d) 4/48 (8,34%) responderam que não adotam uma linha filosófica, mas existe a intenção de um trabalho futuro;
- e) 3/48 (6,25%) responderam que não adotam nenhuma linha filosófica;
- f) 1/48 (2,08%) não respondeu.

Quanto às questões de pesquisa pôde-se inferir com isto, que não existe comunidade de investigação sem que exista um espaço democrático e da relevância do saber pensar reflexivo, bem como, de constituir esta mesma comunidade, na qual se busca aguçar o raciocínio e as habilidades de problematização dos alunos.

Lipman (1995) evidencia que Dewey, com sua ênfase no pensamento reflexivo foi o verdadeiro precursor do pensamento crítico do século XX, salienta que:

... “o paradigma reflexivo supõe a educação como uma investigação, enquanto o paradigma padrão não o concebe desta maneira. Existe, portanto, uma discordância sobre as condições sob as quais o processo deve ocorrer e há divergências quanto às metas que devem ser alcançadas. Existem diferenças em relação àquilo que é feito e a maneira como é feito. No paradigma padrão, por exemplo, os professores questionam os alunos; no paradigma reflexivo alunos e professores questionam-se entre si. No paradigma padrão, considera-se que os alunos pensam se estes aprendem o que lhes foi ensinado; no paradigma reflexivo, considera-se que os alunos pensam se estes participam da comunidade de investigação” (LIPMAN, 1995, p. 30).

As respostas abaixo representam uma amostragem da opinião dos relatos dos professores, extrai e nos faz compreender e construir a significação do trabalho desenvolvido na Rede Municipal com “Educação para o Pensar” /Filosofia com Crianças. Ilustrando a análise acima sintetizada:

(P1) -Eu adoto a linha filosófica em minha prática pedagógica independente da instituição, procurando preparar aulas que levem os alunos a participarem, questionarem e expressarem suas opiniões dentro da organização de uma comunidade de investigação.

(P2) -Sim. Adoto na minha prática pedagógica a comunidade de investigação, o diálogo e a reflexão sobre os temas abordados, levando em consideração os conhecimentos prévios do aluno.

(P8) -Sim, adotamos a linha filosofia a partir do ponto que valorizamos os conhecimentos prévios dos alunos, pois o mesmo não chega vazio já carrega consigo toda uma bagagem.

(P10) -Sim. Em minhas aulas, frequentemente utilizo a dinâmica filosófica da reflexão.

(P25) -Atualmente estou diretora de uma escola municipal e nossa rede adota uma linha filosófica em sua prática, além de ser ter a disciplina, os demais conteúdos são trabalhados em cima da discussão, reflexão e diálogo. (Direção)

(P40) -Trabalho durante todo momento com a filosofia. Usando o diálogo e reflexão com os educadores e alunos.

(P44) -Sempre adoto a metodologia da “Educação para o Pensar” na disciplina que atuo.

Com esta análise da parte II do questionário pode-se verificar dentro da concepção filosófica dos docentes de Piranguinho/MG que há por parte destes o entendimento e compromisso com o programa estabelecido pela rede e, também que se encontra permeado pelos pressupostos da “Educação para o Pensar” de Lipman. Assim constatou-se que dentro de todo esse processo, o professor possui, segundo Lipman (1996), uma responsabilidade grande e exclusiva que mais que ser um professor, acima de tudo, ser um educador, pois ao mediar o grupo de alunos ao entendimento deste processo, que estão inseridos, promove a aprendizagem do compromisso de cada um com seu papel no grupo em sala de aula.

E destes, que responderam o questionário, todos têm algum conhecimento sobre o que se trata o Programa de “Educação Para o Pensar” de M. Lipman, devido a rede municipal adotá-lo. Porém nem todos trabalham diretamente com esta metodologia, já que estavam presentes professores de creche, ou seja, que trabalham com crianças de zero a três anos. A análise mostra ainda que de acordo com a formação e especialização dos professores investigados, encontramos maior

clareza no que diz respeito aos conceitos desenvolvidos dentro do trabalho proposto.

Há que se considerar para o desenvolvimento de uma educação fundamentada no pensar que é necessário arquitetar o espaço e a forma como ela pode ocorrer. Cada vez, que se olha e analisa a educação de nossa atualidade, diante de todos os pensamentos de nossos educadores contemporâneos, observa-se que há dificuldades para trabalhar com Filosofia e mesmo com Filosofia para Crianças, ou como Lipman (1995) designa “Educação para o Pensar”, sem poder contar, na maioria das instituições escolares.

Dos dados coletados nesta pesquisa dos 48 professores do município de Piranguinho/MG, em relação ao trabalho desenvolvido na rede municipal com o programa de “Educação para o Pensar” - Filosofia para Crianças e Jovens, na educação básica, trouxe para uma primeira amostragem, que foi possível colher dados quanto a sua formação/especialização e como este fator é preponderante no seu trabalho diário.

Foram encontrados (3) dos (48) participantes que possuem Especialização específica em “Educação para o Pensar”, sendo eles os (P1), (P2) e (P10). São efetivos da Rede Municipal de Piranguinho/MG, trabalham em um programa de formação continuada, possuem mais de 15 anos de docência, com mais de 4 anos na Unidade Escolar e trabalham com o Fundamental I.

Para estes professores a filosofia é uma disciplina que desenvolve o questionamento, a investigação e o diálogo nos alunos, princípios claros que encontramos nos grupos de habilidades desenvolvidas a partir da Comunidade de Investigação. E, ainda, afirmam a importância desse ensino em sala de aula dentro de sua concepção filosófica.

A partir da aplicação de questionário aos professores do município de Piranguinho/MG, em relação ao trabalho desenvolvido na rede municipal com o programa de “Educação para o Pensar” - Filosofia para Crianças e Jovens, na educação básica, pode-se ver que as respostas vistas aqui entre outras, servem como amostragem do exposto sobre “Educação para o Pensar” – Filosofia para crianças e jovens até este momento. Mesmo trabalhando com a hipótese de que as

bases teóricas do programa de Lipman demonstram estar assimiladas, resta-nos um estudo mais aprofundado para saber até onde a práxis e os saberes adquiridos durante a formação acadêmica facilitaram o entendimento para o trabalho com o programa “Educação para o Pensar” – Filosofia para Crianças e Jovens. Também seria necessário analisar se a realidade dentro de sala de aula condiz com estes dados. Dentro desta análise de como Lipman (1990) entende a formação de professores e que estes deveriam passar em sua formação pelo mesmo processo que os alunos, no que diz respeito a vivenciar uma Comunidade de Investigação e isso independente de qual formação inicial o professor teria. Talvez aqui caibam estudos posteriores e uma revisita ao grupo de professores, para analisar sua prática, que deixa como o autor afirma, questionamentos para compreender se neste momento estariam os educadores provocando seus alunos para que operem com as condições cognitivas, e que isto aconteça ao mesmo tempo em que estejam trabalhando os conteúdos de estudos, das disciplinas escolares ou conteúdos de temas que provocam seu interesse.

REFERÊNCIAS

- DANIEL, Marie-France. **A Filosofia e as Crianças**. São Paulo, SP: Nova Alexandria, 2000.
- DEWEY, John. **Como Pensamos**. Como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo: uma reexposição. São Paulo: Editora Nacional, 1979b.
- DEWEY, John. **Democracia e Educação. Introdução à Filosofia da Educação**, 4ª ed., Atualidades Pedagógicas Vol. 21, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979a
- EVANGELISTA, Francisco e GOMES, Tarso de Paulo. **Educação para o Pensar**. Campinas, SP: Alínea, 2003.
- KOHAN, Walter Omar e WUENSCH, Ana Míriam. **Filosofia para Crianças: A Tentativa Pioneira de Matthew Lipman**, Vol. I, Petrópolis, RJ: Vozes 1998.
- LIPMAN, Matthew. **O pensar na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- LIPMAN, Matthew. **A Filosofia vai à escola**. São Paulo, SP: Summus, 1990.

LIPMAN, Matthew, SHARP, Ann Margaret e OSCANYAN, Frederick S. **Filosofia na Sala de Aula**. São Paulo, SP: Nova Alexandria, 1997.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento, execução e análise**, 2a. ed. São Paulo: Atlas, 1994, 2v., v.2

SPLITTER, Laurence J. e SHARP, Ann Margaret. **Uma Nova Educação – A Comunidade de Investigação na Sala de Aula**. São Paulo, SP: Nova Alexandria, 1999.